

Literacia tradutória e intertextualidade

– estudo de caso na tradução literária direta do
polaco para o português europeu

Teresa Fernandes Swiatkiewicz

Universidade de Lisboa

tswiatkiewicz@gmail.com

ORCID: 0000-0002-8884-6195

RESUMO:

Partindo da noção lata de competência tradutória que discrimina os diferentes saberes e capacidades do tradutor literário e assumindo que, quanto mais alargado for o leque de leituras feitas por um tradutor na cultura de chegada, maior será o seu repertório linguístico, literário e cultural, lança-se a hipótese de que memórias de textos lidos pelos tradutores na língua de chegada possam ressurgir ou transparecer na escrita tradutória sob a forma de citações e ecos intertextuais. O tópico a investigar equaciona competência tradutória, literacia, tradução e intertextualidade com o objetivo de encontrar ocorrências de intertextualidades não sugeridas pelos textos de partida e, sim, criadas pelos tradutores nos textos de chegada, que remetam para textos escritos em português. O *corpus* reunido para análise compreende obras literárias em prosa e poesia, traduzidas diretamente do polaco para o português, entre 1990 e 2010, em Portugal.

ABSTRACT:

Starting from the broad notion of translation competence which comprises literary translators' knowledge, abilities and skills in different areas, and assuming that the more a translator reads, the larger his/her linguistic, literary and cultural repertoire will be, it seems reasonable to hypothesize a connection between memories of written texts read by translators in the target language and translation techniques used by them in target texts, e.g. it is expected to find in translations intertextual references to texts written in the target language, which are not suggested by source texts. This means that translators, not authors, may create intertextual occurrences during the translation process. The research corpus comprises prose and poetry, a Polish–Portuguese parallel corpus that aligns literary texts: source texts in Polish and the respective target texts in Portuguese. The research corpus includes books directly translated from Polish into European Portuguese, published in Portugal, and covers the 1990–2010 time span.

PALAVRAS-CHAVE:

literacia tradutória; intertextualidade; estratégias de tradução; domesticação; estrangeirização

KEYWORDS:

translation literacy; intertextuality; translation strategies; domestication; foreignization

Date of submission: 06/07/2023

Date of acceptance: 11/10/2023

Introdução

O tópico do presente artigo surgiu naturalmente durante o cotejo de uma obra da literatura polaca traduzida para português europeu. Quando se compara um texto de partida (TP) com um texto de chegada (TC) encontram-se fenómenos que podem ou não constituir regularidades tradutórias. Estes fenómenos podem dar origem a perguntas de investigação conducentes a pesquisas mais aprofundadas. Assim aconteceu no presente estudo. Ao depararmos com a expressão “menina e moça” numa tradução de polaco–português, colocou-se a questão de saber se haveria mais citações deste tipo nas traduções diretas polaco–português.

1. Pergunta de investigação

Se um dos muitos objetivos de uma tradução literária é obter um produto que também possa ser validado como literário na cultura de chegada (CC), poderá a tradução adotar procedimentos intertextuais inspirados em obras escritas na língua de chegada (LC)? Por outras palavras, ao recorrer a modelos de escrita existentes na CC, os tradutores literários fazem uso da intertextualidade no produto da tradução, o TC?

No presente artigo, a problemática da intertextualidade é abordada, não na perspetiva de citações, referências e alusões tecidas pelos autores nos TP, mas sim na perspetiva da intertextualidade criada pelos tradutores nos TC, sem sugestão dos TP. Trata-se, portanto, de uma intertextualidade que ocorre durante o processo tradutório por inspiração e pela mão dos tradutores, observável no produto da tradução. A intertextualidade, uma relação que se estabelece entre dois textos, quando construída pelos tradutores, exemplificaria igualmente que o significado das palavras e das expressões é condicionado por contextos linguísticos, referenciais e culturais (Newmark, 1988: 65).

2. Enquadramento teórico-metodológico

2.1. Estudos Descritivos de Tradução

A presente investigação enquadra-se nos princípios teóricos dos Estudos Descritivos de Tradução (EDT), tal como Gideon Toury os concebeu em *Descriptive Translation Studies and Beyond* (2012 [1995]), incidindo em particular no estudo das normas operacionais assim definidas:

Operational norms [...] may be conceived of as directing the decisions made during the act [of translation] itself. These norms affect the text’s matrix — i.e., the way linguistic material is distributed in it — as well as its textual make-up and verbal formulation. Directly or indirectly they thus also govern the relationships that would obtain between target and source texts or segments thereof; i.e., they determine what would more likely remain intact despite the transformations involved in the translation, and what would tend to get changed. (Toury, 2012 [1995]: 82)

O estudo das normas operacionais efetua-se com base no cotejo dos TP com os TC, uma realidade múltipla, descoberta no decurso da leitura comparada das obras em análise. O cotejo dos textos culmina no apuramento de fenómenos tradutórios regulares, transversais, relevantes e singulares. A definição de Toury correlaciona normas operacionais com processo de tradução, tomadas de decisão e mudanças tradutórias. As normas operacionais representam decisões tomadas pelo tradutor durante o ato tradutório em resposta à constante pergunta de como traduzir determinada palavra, expressão ou estrutura. De acordo com a proposta de Jean-Paul Vinay e Jean Darbelnet (2004 [1958]: 84–93), no processo de tradução, o tradutor tem fundamentalmente duas opções tradutórias, a saber: (i) tradução direta, a estratégia de tradução que opera com a correspondência a nível lexical e estrutural, com recurso à tradução literal, e (ii) tradução oblíqua, um procedimento de tradução que atua com mudanças tradutórias quer a nível lexical quer sintático. No presente estudo, buscam-se, portanto, ocorrências tradutórias no âmbito da tradução oblíqua que, não se prendendo à letra do texto, atendem antes ao seu espírito.

2.2. Intertextualidade e literacia tradutória

As noções teóricas subjacentes ao presente estudo de caso são as de intertextualidade e literacia tradutória, que não importa aqui discutir e, sim, tomar como ponto de partida.

A definição seminal de intertextualidade formulada por Julia Kristeva (1974: 64) de que “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto” implica que um texto se inspire noutros textos escritos antes dele (*déjà écrit*) e lidos (*déjà lu*). Nesta perspetiva, um texto escreve-se por referência a outros textos, por meio de inúmeras estratégias como a citação, o decalque, o empréstimo, a retomada de uma ideia, de uma personagem, etc.

Por seu lado, Maria Helena Mira Mateus *et al.* (2003 [1983]) propõem uma definição abrangente de intertextualidade que, englobando textos, escritores e leitores, melhor se enquadra na perspetiva da tradução literária:

Intertextualidade designa a relação entre um determinado texto e outros textos relevantes, que fazem parte da experiência anterior do locutor/escritor e do alocutário/ouvinte/leitor. Esta propriedade relaciona, portanto, um texto concreto com a memória textual coletiva, com a memória de um grupo ou de um indivíduo específico. Tal relação é um dos fatores estruturantes de cada texto concreto, na medida em que é na memória textual coletiva e de grupo que se funda a definição de modelos textuais, e manifesta-se materialmente num dado texto através de citações, remissões, comentários, reformulações ou relatos de fragmentos de textos relevantes. (2003 [1983]: 88)

A linguagem literária configura-se, assim, como um diálogo de textos que se manifesta no discurso literário, remetendo para textos anteriores. A noção de intertextualidade, entendida como produção de um texto inspirado noutros (previamente estruturados) ou como referência a outros textos precedentes, pode ser importada para os EDT. Tal como os escritores o fazem na escrita criativa, também os tradutores, na escrita tradutória, podem inspirar-se em textos já lidos e discursos

já ouvidos. Por experiência, sabemos que, quanto mais alargado for o leque de leituras de um tradutor, maior será o seu repertório linguístico, literário e cultural.

Desta forma, à competência tradutória, composta por diferentes saberes e capacidades, tais como a competência linguística na LP e na LC, a capacidade para utilizar as estratégias e técnicas de tradução adequadas, a competência cultural e a competência factual e de pesquisa (Nord, 1991: 161), podemos ainda acrescentar a literacia tradutória. Ana Benavente *et al.* definem literacia do seguinte modo:

[Na literacia] não se trata de saber o que é que as pessoas aprenderam ou não, mas sim de saber o que é que, em situações da vida, as pessoas são capazes de usar. A literacia aparece, assim, definida como a capacidade de processamento da informação escrita na vida quotidiana. (1995: 23)

Tomando de empréstimo a definição *supra*, propõe-se entender como literacia tradutória a capacidade que o tradutor tem de utilizar informação e conhecimento, obtidos mediante a leitura de múltiplos e variados textos escritos na LC, no processo de tradução — neste caso literária — e, portanto, observáveis na tradução. Parte-se do pressuposto que a memória das leituras efetuadas pelos tradutores possa transparecer na tradução das obras literárias, *i.e.*, possa ser processada na literatura traduzida. Por outras palavras, a literacia tradutória, como uma das muitas competências do tradutor, no caso da tradução literária, seria a capacidade de usar a informação escrita da CC em proveito da escrita tradutória.

Como poderá, então, o tradutor de literatura consolidar a sua capacidade de ler, interpretar e escrever, ou seja, a sua literacia tradutória? Se, como defende João Barrento, “o facto de o texto literário [...] conter ou poder conter, à partida, todos os tipos de texto e todos os registos e níveis de linguagem” (2002: 15), o tradutor não poderá cingir a consolidação da literacia tradutória à leitura de textos literários, uma vez que a literatura é por excelência o espaço de todos os campos lexicais, domínios semânticos, estruturas sintáticas e, inclusivamente, da experimentação linguística (desde neologismos até a deslexicalizações). Por conseguinte, querendo o tradutor expandir a sua literacia tradutória, terá de efetuar leituras em diferentes áreas lexicais e textuais. Não raro, ao traduzir poesia, o tradutor lê, simultâneo, poemas da CC para se entrosar na melopeia do género lírico na LC ou, para traduzir excertos que descrevem catadrais, lê textos científicos na área da arquitetura. A literacia tradutória, como as demais, é algo que se aprende ao longo da vida; logo, para a adquirir e consolidar é importante que o tradutor literário leia permanentemente textos escritos na LC, incluindo obras literárias, e execute a tradução, seguindo modelos de escrita literária (prosa e poesia) da CC. Juntamente com a aquisição de competências de escrita, outras se adquirem através da leitura dos mais variados textos: o alargamento do vocabulário e a expansão do conhecimento, a estimulação da imaginação e da criatividade, bem como a capacidade de memorização. Esta última importa em particular ao presente estudo, porque se espera encontrar nas traduções das obras literárias do *corpus* selecionado para o efeito memórias de leituras efetuadas pelos tradutores. Este pressuposto permite, num contexto cultural e social mais amplo, estudar a literatura traduzida à luz de fontes e referências, provenientes de textos nativos, *i.e.*, da CC.

2.3. Teoria *Skopos*, domesticação e estrangeirização

A fim de problematizar as ocorrências apuradas, após a respetiva análise, o presente estudo de caso invocará a teoria *Skopos* (Vermeer, 2004 [1989]: 221–232), cujo pressuposto se baseia na ideia de que a tradução deve levar em linha de conta o propósito e a função (*skopos*) do texto na CC, determinantes na escolha das estratégias e técnicas tradutórias. Recorrerá ainda à noção de estratégia de tradução (Venuti, 1995), enquanto procedimento global que opera a nível da macroestrutura do texto e se polariza entre domesticação, que consiste em adaptar a tradução aos modelos de escrita da CC de modo que o texto traduzido seja fluido, parecendo não uma tradução, mas um texto originalmente escrito na LC, e estrangeirização, que visa preservar na tradução características linguísticas e culturais do TP. Far-se-á uma breve incursão no dilema de Friedrich Schleiermacher (2003 [1813]), que antecedeu e inspirou Lawrence Venuti, com a questão de “deixar o leitor em repouso” ou “enviá-lo para o estrangeiro”, bem como na teoria de Antoine Berman (2007 [1995]) que consolida a posição do estudioso norte-americano, ao propor uma tradução que dê ao leitor a possibilidade de aceder ao universo do Outro — autor e seu modo de expressão — e, ainda, na teoria da hospitalidade da LC de Paul Ricoeur (2005 [2004]).

2.4. *Corpus* da investigação

O *corpus* foi selecionado com base no Anexo B da tese de doutoramento de Hanna Pięta Cândido (2013: XXV–CXXXIX), que cataloga as traduções das obras literárias polacas executadas em Portugal. Como, em Portugal, a tradução direta somente na década de 90 do século XX começa a ser uma prática mais comum, selecionou-se um período de vinte anos para constituir o *corpus* da investigação (1990–2010). A pesquisa tem como objeto um *corpus* paralelo e bilingue, composto por obras literárias — prosa e poesia — escritas em polaco e as respetivas traduções para português europeu. Na Tabela 1, discriminam-se as obras que fazem parte do estudo, com indicação das siglas (a primeira letra do apelido e/ou do nome próprio do autor e do tradutor) a utilizar nas citações das obras.

1	STRYJKOWSKI, Julian. 1990. <i>Tommaso del Cavaliere</i> . Lisboa: Edições Cotovia. Tradução de Zbigniew Wódkowski. Romance.	W
	STRYJKOWSKI, Julian. 1982. <i>Tommaso del Cavaliere</i> . Warszawa: Państwowy Instytut Wydawniczy.	S
2	SZYMBORSKA, Wisława. 1998. <i>Paisagem com grão de areia</i> . Lisboa: Relógio D'Água. Edição bilingue. Tradução de Júlio Sousa Gomes. Poesia.	JG WS1
3	GRABIŃSKI, Stefan. 2003. <i>O demónio do movimento</i> . Lisboa: Cavalo de Ferro. Tradução de Maria José e Wojciech Charchalis. Contos.	C&C
	GRABIŃSKI, Stefan. 1999. <i>Demon Ruchu</i> . Warszawa: Lampa i Iskra Boża.	G
4	MIŁOSZ, Czesław, e Wisława SZYMBORSKA. 2004. <i>Alguns gostam de poesia</i> . Lisboa: Cavalo de Ferro. Tradução de Elżbieta Milewska e Sérgio das Neves. Coletânea de poemas. Edição bilingue.	M&N1 M&S

5	KAPUŚCIŃSKI, Ryszard. 2004. <i>O imperador</i> . Porto: Campo das Letras. Tradução de Włodzimierz J. Szymaniak e Isabel Ponce de Leão. Reportagem.	S&L1
	KAPUŚCIŃSKI, Ryszard. 1978. <i>Cesarz</i> . Kraków: Kolekcja Gazety Wyborczej.	K1
6	KAPUŚCIŃSKI, Ryszard. 2005. <i>O império</i> . Porto: Campo das Letras. Tradução de Włodzimierz J. Szymaniak e Isabel Ponce de Leão. Reportagem.	S&L2
	KAPUŚCIŃSKI, Ryszard. 2013 [1993]. <i>Imperium</i> . Warszawa: Czytelnik.	K2
7	SZYMBORSKA, Wisława. 2006. <i>Instante</i> . Lisboa: Relógio D'Água. Edição bilingue. Tradução de Elżbieta Milewska e Sérgio Neves. Poesia.	M&N2 WS2
8	KAPUŚCIŃSKI, Ryszard. 2007. <i>Andanças com Heródoto</i> . Porto: Campo das Letras. Tradução de Włodzimierz J. Szymaniak e Isabel Ponce de Leão. Crónicas.	S&L3
	KAPUŚCIŃSKI, Ryszard. 2013 [2004]. <i>Podróże z Herodotem</i> . Kraków: Wydawnictwo Znak.	K3
9	LASKIER, Rutka. 2007. <i>O diário de Rutka</i> . Lisboa: Sextante. Tradução de Maria Milewska Rodrigues. Diário.	R
	LASKIER, Rutka. 2006. <i>Pamiętnik Rutki</i> . Kraków: Dziennik Zachodni.	L
10	KAPUŚCIŃSKI, Ryszard. 2009. <i>O outro</i> . Porto: Campo das Letras. Tradução de Włodzimierz J. Szymaniak e Isabel Ponce de Leão. Ensaios.	S&L4
	KAPUŚCIŃSKI, Ryszard. 2013 [2006]. <i>Ten Inny</i> . Kraków: Wydawnictwo Znak.	K4

Tabela 1. *Corpus* do estudo

2.5. Metodologia da investigação

Quanto ao método, recorre-se à análise textual, interlinguística e contrastiva das fontes textuais, TP e TC, designada em tradução como cotejo ou cotejamento dos textos. O fenómeno tradutório que se pretende estudar — a intertextualidade criada pelos tradutores — relaciona-se diretamente com o chamado conhecimento do mundo compartilhado, um conhecimento comum ao tradutor dos textos, ao investigador e ao leitor. A apresentação das ocorrências tradutórias será feita em tabelas, nas quais entre o TP e o TC se situa a respetiva glosa com o objetivo de ilustrar que o diálogo intertextual não é criado pelos autores dos TP e, sim, lavrado por inspiração dos tradutores.

3. Ocorrências de intertextualidade na tradução literária

Na presente secção, apresentam-se e analisam-se as ocorrências de intertextualidade apuradas nas traduções diretas polaco-português.

TP: przy xiążęciu xiężna pani/cudnie młoda, młodziusieńka.	M&S: 178
junto príncipe princesa senhora/milagrosamente jovem, jovenzinha	
TC: com o príncipe, a princesa/belissimamente menina e moça.	M&N1: 179

Exemplo (1)

A expressão “menina e moça” representa uma referência intertextual que reativa o título da novela pastoril de Bernardim Ribeiro, editada no século XV, um livro que faz parte da memória partilhada dos portugueses. A tradução de “młoda, młodziusieńka” [jovem, jovenzinha] como “menina e moça” estabelece diálogo

intertextual com uma das obras canónicas da língua portuguesa, aliás, em harmonia com a forma e o conteúdo do poema, a descrição efrástica de uma iluminura medieval. A expressão “menina e moça” coaduna-se com o espírito do poema e da época nele representada, enquanto técnica de estilização arcaizante.

O poema do qual se extraiu a ocorrência (1) é a retradução de um texto original anteriormente traduzido para português europeu, *i.e.*, a segunda tradução, do ponto de vista cronológico, do poema “Miniatura średniowieczna” [Iluminura medieval] de Wisława Szymborska, primeiramente traduzido por Júlio Gomes em *Paisagem com grão de areia* (1998: 168–169). Comparar as versões paralelas permite espreitar para a oficina do tradutor e para os bastidores do processo de tradução. Quando existem versões anteriores, é natural que o tradutor seguinte as consulte, quer por curiosidade quer para delinear a sua estratégia de tradução. O cotejo destas duas traduções paralelas pode indiciar como os tradutores Elżbieta Milewska e Sérgio Neves eventualmente se inspiraram na tradução de Júlio Gomes, que reza: “[S]egue a seu lado a grã-duquesa, / nova, mui moça, por maravilha” (JG: 169). Gomes traduziu a expressão polaca “jovem, juvenzinha” como “nova, mui moça”, aplicando uma tradução oblíqua e arcaizante através do advérbio “mui”. Sabendo que Milewska e Neves tinham conhecimento da tradução de Gomes, é possível inferir que se inspiraram na expressão “mui moça” para traduzir “jovem, juvenzinha” como “menina e moça” e tal poderá exemplificar ainda o diálogo intertextual entre tradutores.

TP: bo tu wszystko wylewa się na środek jezdni — jezdnia jest niczyja. porque aqui tudo deita-se em meio (de) rua — rua é (de) ninguém	K3: 36
TC: porque, aqui, deita-se tudo no meio da rua, a rua é de todos e de ninguém	S&L3: 30

Exemplo (2)

O exemplo (2) é extraído da descrição de uma cidade indiana, onde as ruas estão sempre cheias de lama por servirem para escoar todo o tipo de despejos domésticos. O diálogo intertextual estabelece-se através de um par de pronomes indefinidos que, em português, surge em duas áreas linguísticas: na literatura e na fraseologia. O uso dos opostos “todos/ninguém” é um eco vicentino, que remete para a farsa *Auto da Lusitânia*, onde as duas personagens principais são Todo o Mundo e Ninguém. A tradução para português de “jezdnia jest niczyja” [a rua não é de ninguém] pela frase “a rua é de todos e de ninguém” faz eco de um modo de expressão característico do português.

A junção dos opostos “todos/ninguém” também pode ter sido inspirada em expressões fraseológicas que fazem parte do acervo linguístico do português, como “agradar a todos e a ninguém” ou “todos ralham, ninguém tem razão”. Além disso, pode ainda constituir o eco de uma canção de 1943 cantada por Milú, ainda hoje popular, *Cantiga da rua*, cujo refrão reza: “É de toda a gente. Não é de ninguém.”

TP: armia Mao przebywała bagniste równiny, gdzie przedtem prawie nigdy nie stawała stopa ludzka	K3: 60-61
exército (de) Mao percorria pantanosas planícies onde antes quase nunca não pousou pé humano	

TC: o exército de Mao [...] percorria planícies pantanosas nunca dantes tocadas pelo pé humano	S&L3: 49
------------------------------------------------------------------------------------------------	----------

Exemplo (3)

O diálogo intertextual que se estabelece em (3) remete-nos para o terceiro verso da primeira estrofe de *Os Lusíadas* de Luís Camões: “As armas e os barões assinalados/Que da Ocidental praia Lusitana,/Por mares nunca dantes navegados.” A referência intertextual é feita por comparação: os Portugueses desbravaram o mar ao passo que o exército chinês explorava planícies pantanosas; tanto Portugueses como Chineses foram pioneiros, respetivamente na navegação e nas expedições terrestres. A intertextualidade parte da associação de ideias para recorrer ao decalque sintático camoniano: NOME + NUNCA DANTES + PARTICÍPIO PASSADO. A semelhança salta à vista (Tabela 2) no eixo paradigmático da construção sintática:

planícies	pantanosas	nunca	dantes	tocadas
mares	–	nunca	dantes	navegados

Tabela 2. Decalque sintático

O exemplo *supra* atesta que os tradutores memorizam textos que os marcam e influenciam a forma como redigem e, neste caso, como traduzem.

TP: Nieruchomy, godzinami medytował w swoim gabinecie	K1: 111
imóvel (por/durante) horas meditava em seu gabinete	
TC: Imóvel, passava as horas mortas no seu escritório em meditação	S&L1: 126

Exemplo (4)

A referência à literatura portuguesa no exemplo (4) é evidente na tradução da palavra “godzinami” [durante horas] por “horas mortas”. Não há palavras no TP que sugiram tratar-se de “horas mortas”. Logo, foi criada uma ocorrência de intertextualidade pela pena dos tradutores que possivelmente associaram o contexto lido a um poema de Cesário Verde, intitulado justamente “Horas mortas”, integrado na composição *O sentimento de um ocidental*.

TP: Wszyscy słuchali wtedy radia,	K1: 113
todos ouviam então rádio	
TC: Naquele tempo toda a gente ouvia rádio	S&L1: 128

Exemplo (5)

TP: Wtedy pewną stopą dotykał brzegu,	S: 20
então (com) seguro pé tocava a margem	
TC: Naquele tempo o seu pé pousava seguro na orla do mar	W: 24

Exemplo (6)

A intertextualidade patente na tradução dos enunciados (5) e (6) remete para textos bíblicos, principalmente para as parábolas dos Evangelhos que amiúde começam pelo adjunto adverbial temporal, “naquele tempo”. O uso da referência bíblica implicou duas operações tradutórias: (i) a primeira tem que ver com a expansão do advérbio polaco “wtedy” [então] vertido para português pela locução adverbial “naquele tempo”; (ii) a segunda tem que ver com a deslocação do adjunto

adverbial em (5), que no TP se encontra no meio da frase e no TC foi topicalizado, constituindo o primeiro elemento da frase.

Em relação à locução adverbial “naquele tempo”, Edite Prada confirma a sua proveniência bíblica:

Da mesma forma que cada um de nós é fruto das experiências de vida que tem e isso se reflecte na nossa forma de agir, também o que o autor de um texto conhece de outros textos e de outras formas de escrever influencia a forma como escreve. Muitas vezes traz esse conhecimento directa ou indirectamente para o texto, ligando-o assim a outros. Por exemplo, se alguém começar um texto com expressões como “Naquele tempo...”, estamos perante uma referência clara a textos bíblicos. (Prada, 2010)

Não sendo a *Bíblia* um texto escrito originalmente em língua portuguesa, mas lido em tradução, entender-se-á neste ponto que a literatura traduzida, canónica, pode igualmente ser um elemento estruturante da consciência linguística na CC e da literacia tradutória.

TP: Mówi: nie tylko musisz spotkać się z Innym, przyjąć go, dokonać aktu rozmowy.	K4: 28
diz: não só tens de encontrar se com Outro, receber o, realizar ato (de) conversa	
TC: Diz: não é só preciso encontrar o Outro, como hás-de recebê-lo em franco convívio.	S&L4: 35

Exemplo (7)

No exemplo (7), “hás-de recebê-lo”, regista-se um eco de escrita arcaica, frequente na homilética. O uso da construção perifrástica HAVER DE + INFINITIVO ocorre, por exemplo, na arte de pregar, como no *Sermão da Sexagésima* do Padre António Vieira. No TP, a função da linguagem indica uma obrigação “musisz” [tens de], enquanto, no TC, “haver de”, sendo uma forma de exprimir o futuro, adquire “um valor modal que marca uma intenção ou um vaticínio sobre uma situação ou acontecimentos futuros” (Rocha, 2023). Logo, a versão *supra* deixa transparecer a associação que os tradutores fizeram com estruturas linguísticas da LC, sendo uma opção tradutória que evoca um modo de expressão, entre outros, característico da homilética em língua portuguesa.

TP: nie wołajęca nawet ratunku ratunku,	WS1: 326
não gritante até socorro socorro	
TC: e que nem grita sequer aqui-d’el-rei,	JG: 327

Exemplo (8)

A expressão que sobressai no exemplo (8), “aqui-d’el-rei”, é empregue em substituição da interjeição da LP “ratunku” [socorro!], usada no vocativo. De facto, “aqui-d’el-rei” é uma interjeição histórica portuguesa usada para pedir ajuda ou socorro e, não sendo uma tradução literal em relação ao TP, evidencia uma marca característica da língua portuguesa arcaica.

Como explicar o uso da locução “aqui-d’el-rei” na tradução? A primeira explicação prende-se com uma eventual memória recente do tradutor face ao filme intitulado *Aqui d’El Rei*, de António-Pedro Vasconcelos, estreado em 1992. Tendo em

conta que o livro *Paisagem com grão de areia* de Szymborska foi traduzido depois da atribuição do prémio Nobel, em 1996, e publicado em Portugal em 1998, é plausível que o título sonante da obra cinematográfica pudesse ser uma referência para o tradutor. Por sua vez, o título do filme tem como antecedente o folheto monárquico intitulado *Aqui d'El Rei!* (1919), da autoria de João do Amaral. Além disso, o uso da locução “aqui-d’el-rei” na tradução remete ainda para um registo arcaico e regional, podendo denotar a formação e proveniência do tradutor Júlio Sousa Gomes (professor de Português da zona centro de Portugal).

TP: z dużej chmury mały deszcz, jedna łza, de grande nuvem pequena chuva, uma lágrima	M&S: 120
TC: muita nuvem, pouca chuva, uma lágrima	M&N1: 121

Exemplo (9)

O exemplo (9) mostra que o enunciado foi construído por meio do decalque sintático do provérbio português “Muita parra, pouca uva”. O TC representa um eco intertextual sintático com uso da técnica de tradução por transposição — a alteração da classe das palavras: os adjetivos “duży” [grande] e “mały” [pequeno] foram convertidos nos advérbios de quantidade “muito” e “pouco”. Tal implicou ainda uma alteração sintática, a eliminação da preposição “z” [de] e a sua compensação com a introdução da vírgula. Esta ocorrência intertextual baseia-se num decalque sintático, que se traduz na fórmula: MUITO X, POUCO Y. Apesar de esta ocorrência se inspirar no acervo fraseológico ativo do português, existem registos escritos do seu uso, por exemplo, no título da obra *Muita parra e pouca uva* da autoria de Francisco Gomes de Amorim (1878).

TP: Żyje, więc się myli. vive, logo se engana	WS1: 98
TC: Só se engana quem está vivo.	JG: 99

Exemplo (10)

A glosa do exemplo (10) mostra que o verso foi redigido na LP com base no decalque sintático da proposição cartesiana: “Cogito ergo sum” que, em polaco, se traduz como “Myślę, więc jestem” e, em português, como “Penso, logo existo”. Os paralelismos sintáticos são evidentes nas três línguas. Se o tradutor tivesse optado pela tradução literal, o verso teria preservado o eco cartesiano: *Vive, logo erra*.

No entanto, o tradutor optou por uma tradução oblíqua, livre: *Só se engana quem está vivo*. Com esta opção tradutória perde-se o decalque sintático cartesiano, culturalmente consagrado, mas — curiosamente — ganha-se um pseudoprovérbio, já que a tradução é efetuada com base numa construção típica dos ditados portugueses, por exemplo: *Só trabalha quem não sabe fazer mais nada*. Na estrutura sintática SÓ X, QUEM Y, empregue em (10), descortinam-se os dilemas que os tradutores enfrentam e têm de resolver, mediante a ponderação de perdas (neste caso, o apagamento de uma referência intertextual existente no TP) e ganhos em tradução (neste caso, a formação de um pseudoprovérbio).

Muito embora a intertextualidade patente em (9) e (10) possa não ter sido inspirada com referência a textos escritos (o fundamento da literacia tradutória),

estes exemplos permitem encetar uma nova investigação, a saber: até que ponto a fraseologia da LC influencia o processo tradutório e em que circunstâncias os tradutores vertem enunciados formulados com linguagem do “discurso livre” no TP através de linguagem própria do “discurso repetido” (Cosériu, 1977: 113) no TC. Por outras palavras, estes exemplos abrem ainda espaço a um estudo sobre a possibilidade de citar a partir de repertórios linguísticos, fraseológicos, culturais, disponíveis na LC.

4. Classificação das ocorrências tradutórias intertextuais

Confirma-se a hipótese de que memórias dos textos lidos pelos tradutores na LC ressurgem na escrita tradutória sob a forma de citações e ecos intertextuais nos TC. Mais, memórias do acervo fraseológico do português podem ainda surgir como decalques sintáticos na tradução. Nas ocorrências apuradas verificam-se regularidades, sendo a primeira o facto de serem todas traduções oblíquas, ou seja, não são traduções literais e, sim, traduções que envolvem técnicas de tradução mais complexas, suscetíveis de serem agrupadas como seguidamente se propõe.

(i) Citação: “menina e moça” e “horas mortas” — trata-se da transcrição *ipsis verbis* de expressões de discursos textuais anteriores. Esta técnica de tradução pode ser considerada um caso de “equivalência dinâmica ou funcional, assente no princípio do efeito equivalente”, conforme proposta por Eugene Nida (2004 [1964]: 129).

(ii) Citação adaptada sintaticamente: “de todos e de ninguém” — representa uma referência ecoica, onde ressoam personagens vicentinas e unidades fraseológicas do português. Do ponto de vista das técnicas de tradução, trata-se da importação de um decalque sintático.

(iii) Citação topicalizada: “Naquele tempo” — é um tipo de intertextualidade que utiliza simultaneamente dois recursos: a citação *ipsis verbis* de uma expressão conotada com textos bíblicos (citação) e o seu uso na posição sintática de primeiro constituinte da frase (topicalização).

(iv) Decalque de construção sintática: “por pântanos nunca dantes tocados”; “hás-de recebê-lo em franco convívio” e “muita nuvem, pouca chuva” — é um tipo de intertextualidade que assenta no recurso a estruturas linguísticas do cânone literário, religioso ou fraseológico do português, e fazem parte da nossa memória coletiva. São casos de intertextualidade sintática assente na técnica de tradução do decalque.

(v) Citação/idiomatização: “Aqui-d’el-rei” pode ser visto como a citação dos títulos de um folheto ou de um filme que, por sua vez, fazem eco de uma locução idiomática e histórica do português. Neste último caso, entende-se *idiomatização* como a técnica que consiste em verter enunciados do discurso livre do TP por meio de enunciados que recorrem a unidades fraseológicas da LC.

Os exemplos acima analisados ilustram a tese de Antoine Compagnon para quem “escrever, pois, é sempre rescrever, não difere de citar. A citação, graças à confusão metonímica a que preside, é leitura e escrita, une o ato de leitura ao de escrita. Ler ou escrever é realizar um ato de citação” (1996: 31).

A ocorrência de intertextualidade nos TC não sugerida pelos TP, firmada pela mão de tradutores no TC, poderá indicar que estes tendem a recorrer a modelos de

escrita da CC, em virtude da escolaridade obrigatória e facultativa, realizada no seio da língua e cultura portuguesas. No caso dos tradutores portugueses, que são naturalmente leitores de literatura nativa e de traduções para português, é concebível que tenham assimilado normas e criado expectativas de fluência que procuram reproduzir no seu trabalho de tradução, de forma mais ou menos consciente. O recurso à intertextualidade será, portanto, uma estratégia de tradução empregue pelo tradutor em estreita ligação com a sua literacia tradutória, ou seja, com a sua capacidade de saber utilizar informação e conhecimento adquiridos pela leitura de textos da CC no processo da escrita tradutória, que avultam em memórias de leituras aplicadas na tradução literária.

Propomos denominar as ocorrências de intertextualidade apuradas no presente estudo como “marcas *tradautorais*”, amalgama linguística que importamos da tese de doutoramento de Alexandra Lopes (2010), cujo título é justamente *Poéticas da imperfeição. Autores e tradutores na primeira metade de Oitocentos*.

Dado que o estudo confirmou a ocorrência de intertextualidade não motivada pelo TP, o fenómeno pode então ser perspectivado em termos de marcas *tradautorais*, uma vez que, nos casos em apreço, os tradutores foram os autores das ocorrências de intertextualidade, tornando-se assim mais visíveis enquanto agentes da tradução (*cf.* visibilidade *versus* invisibilidade em Venuti [1995]). Retomando a tradicional dicotomia tradutor–servo e tradutor–senhor, a amálgama *tradautor* reflete tanto a suposta fidelidade que o tradutor deve ao autor e ao TP (o espírito) como a liberdade e a criatividade que o tradutor pode inculcar na tradução (a letra).

5. Perspetivação da intertextualidade tradutória à luz das teorias tradutológicas

O fenómeno da intertextualidade, cunhada pela mão do tradutor e apurada na tradução direta polaco–português, constitui uma técnica de tradução — procedimento observável a nível microtextual — que espelha reminiscências lexicais, fraseológicas e sintáticas, oriundas de diferentes tipos de texto na LC. Os exemplos analisados demonstram que, tal como um povo e a sua língua são fruto da experiência de vida em determinado tempo e espaço, o tradutor também reflete na escrita tradutória a sua experiência de leitura. A tradução será, portanto, herdeira de memórias das leituras efetuadas pelos tradutores e dos seus conhecimentos linguísticos, literários e culturais, bem como da sua literacia tradutória.

O fenómeno da intertextualidade tradutória, enquanto técnica de tradução, circunscreve-se ao plano das estruturas microtextuais e, como tal, encontra-se meramente sujeito a procedimentos de descrição e de classificação. No entanto, enquanto estratégia de tradução, alargada ao nível macrotextual, à luz de certas teorias da tradução, não está livre de juízos de valor, como adiante se verificará.

Por conseguinte, a parte final do presente estudo visa perspetivar a intertextualidade tradutória sob o prisma de várias teorias tradutológicas, a começar cronologicamente pela teoria da “sobre-vida” (*Nachleben* ou *afterlife*) de Walter Benjamin (2004 [1923]: 15–25). Quando os tradutores fazem uso da intertextualidade tradutória, recorrendo a escritores, evangelistas e populares, é como se o Outro — por exemplo, Camões, Bernardim Ribeiro, São Mateus, Descartes

ou o povo com os seus sábios provérbios — falasse através dos tradutores, e este aspeto talvez possa ser entendido como a vida posterior (*afterlife*) das obras originais, no sentido atribuído por Benjamin (2004 [1923]: 16) em “The Task of the Translator”. Desta feita, não só os TP teriam uma vida posterior quando são traduzidos, mas também os textos nativos, escritos na LC, a alcançam, quando um tradutor neles se inspira e faz uso da intertextualidade, transferindo fragmentos textuais de outrem para a tradução no âmbito da mesma língua. Assim, por meio de referências intertextuais, aos tradutores se deve tanto a vida posterior do TP na tradução como a vida posterior de textos originalmente escritos na LC.

A intertextualidade tradutória aqui apurada pode ainda ser explicada à luz da noção de “repertorema” que Toury (2012 [1995]: 304) define como itens, expressões e enunciações pertencentes ao repertório institucionalizado de uma língua com valor semiótico para a comunidade de falantes. Quando os “repertoremas” são empregues em contextos textuais particulares tornam-se “textemas”. Assim sendo, poder-se-á entender que o uso da intertextualidade na tradução, não sendo motivada pelo TP, faz parte do âmbito dos repertoremas transformados em textemas. Por outras palavras, João Barrento reitera a ideia de que “o texto traduzido [...] é um reflexo do próprio sistema literário nacional, o que implica a constante e necessária relação com ele” (2002: 78).

Por sua vez, de acordo com a teoria *Skopos* (Vermeer, 2004 [1989]: 228), o tradutor deve ter consciência do propósito da tradução e de que esse propósito é apenas um entre outros possíveis e que os TP não têm uma só tradução correta ou uma tradução melhor do que outra, uma vez que a tradução obedece a estratégias previamente delineadas que têm em vista o seu propósito.

Todavia, teorias tradutológicas existem que emitem juízos de valor sobre as traduções, tendo em vista o comprometimento social e cultural das mesmas. Essas teorias têm origem na crítica do modo como os tradutores obedecem às normas de escrita da LC e a modelos de escrita da CC ao ponto de o texto traduzido transmitir a impressão de ter sido escrito originalmente na LC. Este fenómeno é designado por Lawrence Venuti (1995: 1) como o “efeito ilusório do discurso”, um efeito, aliás, esperado por editores, leitores e críticos literários, que valorizam a tradução quando esta se apresenta: “fluent and natural-sounding”, “with fluid grace” (Venuti, 1995: 3). Neste âmbito, a intertextualidade tradutória, aqui analisada, remete para a noção de “remainder” [o resíduo, a remanescência, a reminiscência, o remanescente], definida por Venuti como: “The collective force of linguistic forms that outstrips any individual’s control and complicates intended meanings” (1998: 108). As reminiscências, ressurgindo como recriação de algo já existente, constituem a reconstrução linguística de memórias de leituras e representações da CC, plasmadas em novos contextos tradutórios, os TC. Identificar que os tradutores aplicam reminiscências das suas leituras na tradução, para Venuti, não se restringe à mera descrição e constatação do fenómeno. Venuti vê nesta estratégia o apagamento do carácter do tradutor, bem como o apagamento das características do TP, marcas que configuram a domesticação da tradução que consiste em adaptar a tradução aos modelos de escrita da CC, fazendo com que o texto traduzido seja tão fluido como um texto nativo. O autor norte-americano toma, assim, uma atitude avaliativa e partidária — por um lado, critica a estratégia da domesticação enquanto “an

ethnocentric reduction of the foreign text to target-language cultural values, [that] brings the author back home” (Venuti, 1995: 20); por outro lado, toma partido da estratégia de estrangeirização da tradução, a qual representa “an ethnodeliant pressure on those (cultural) values to register the linguistic and cultural difference of the foreign text, sending the reader abroad” (Venuti, 1995: 20). Por tal razão, Venuti considera ideológico o ato de traduzir, argumento que explica do seguinte modo:

Translation is always ideological because it releases a domestic remainder, an inscription of values, beliefs, and representations linked to historical moments and social positions in the domestic culture. In serving domestic interests, a translation provides an ideological resolution for the linguistic and cultural differences of the foreign text. (2004 [2000]: 485)

A estratégia de tradução da domesticação é para Venuti uma questão ideológica porque consagra os interesses de certa tradição entre editores, leitores e críticos literários que preferem traduções que se leiam como se fossem textos originalmente escritos na LC. Em abono da verdade, as ocorrências de intertextualidade apuradas neste estudo enquadram-se na estratégia da domesticação, fazendo justiça à LC e à CC em detrimento da LP e da CP.

Aliás, a alternativa apontada por Venuti — naturalizar o autor ou enviar o leitor para o estrangeiro — remonta a Friederich Schleiermacher (2003 [1813]) que bem expôs o problema da relação entre os três agentes do processo de tradução — autor, tradutor e leitor —, sendo o tradutor o intermediário entre o primeiro e o último:

Mas então que caminhos pode afinal tomar o verdadeiro tradutor que quer realmente reunir estas duas pessoas completamente separadas, o seu escritor e o seu leitor [...]? A meu ver existem apenas dois. Ou o tradutor deixa o mais possível o escritor em repouso e move o leitor em direcção a ele; ou deixa o leitor o mais possível em repouso e move o escritor em direcção a ele. (Schleiermacher, 2003 [1813]: 61)

“Deixar o autor em repouso” significa que o tradutor se aproxima do autor e opta pela estratégia que, hoje, se designa como estrangeirização e avulta numa tradução mais fiel à letra do TP, obrigando o leitor a tomar uma atitude ativa e construtiva que lhe permita perceber o autor estrangeiro e a sua maneira de se exprimir.

“Deixar o leitor em repouso” significa que o tradutor desapossa o autor das suas particularidades para o tornar familiar ao leitor através do uso da tradução oblíqua, feita de acordo com modelos de escrita da CC e os hábitos de leitura do leitor que, neste caso, adota uma atitude mais passiva. Ora, o recurso à intertextualidade ilustra justamente a ideia de “deixar o leitor em repouso”, hoje, denominada domesticação.

A diferença entre a posição de Schleiermacher e a de Venuti reside no facto de o primeiro descrever duas estratégias de tradução opostas e o segundo emitir juízos de valor sobre cada uma delas. À luz da perspectiva venutiana, ao invés de usar a intertextualidade que recorre a textos da LC, o tradutor deveria apresentar uma

tradução *estranhante* (menos fluente), tornando mais visível o modo de expressão do autor do TP e da sua língua.

Na esteira de Venuti, Antoine Berman (2007 [1995]) disserta sobre o poder que os tradutores literários exercem sobre a escrita e a imagem que transmitem do Outro aos seus leitores. A tradução pode fechar as portas ao Outro, configurando a cultura estrangeira à imagem e semelhança da CC e impedindo a afirmação da sua alteridade — assim é a prática da tradução hipertextual (domesticada): “[A] relação hipertextual é a que une um texto x com um texto y que lhe é anterior. Um texto pode imitar um outro texto, fazer um pastiche, uma paródia, uma recriação livre, uma paráfrase, uma citação, um comentário, ou ser uma mescla de tudo isso” (Berman, 2007 [1995]: 33). A consequência da tradução hipertextual (também designada por Berman como anexação) é apagar diferenças entre línguas e povos, é apagar a imagem do Outro e do seu modo de expressão, propagando, sim, expressões da LC e imagens existentes na CC. Isto porque o tradutor se encontra sujeito a constrangimentos ou influências, *i.e.*, a forças culturais etnocêntricas: “Etnocêntrico significará aqui: que traz tudo à sua própria cultura, às suas normas e valores, e considera o que se encontra fora dela — o Estrangeiro — como negativo ou, no máximo, bom para ser anexado, adaptado, para aumentar a riqueza desta cultura” (Berman, 2007 [1995]: 28).

Aplicando ao presente estudo a teoria de Berman, dir-se-á que a tradução que usa a intertextualidade, remetendo para textos da CC, é uma tradução etnocêntrica e hipertextual, que não favorece a aproximação cultural nem dá a conhecer o Outro, uma vez que o leitor português acaba por percecionar o Estrangeiro, neste caso, o Polaco, a sua língua e cultura através do filtro da cultura portuguesa. Por tal razão, Venuti (2004 [2000]) afirmou ser a tradução uma questão ideológica — a domesticação implica o apagamento do Outro e a estrangeirização o acolhimento do Outro no seio da LC e do TC: “A fidelidade ao sentido opõe-se [...] à fidelidade à letra. Sim, a fidelidade ao sentido é obrigatoriamente uma infidelidade à letra. Mas esta infidelidade à letra estrangeira é necessariamente uma fidelidade à letra própria” (Berman, 2007 [1995]: 32).

Muito embora ambas as estratégias — domesticação e estrangeirização — sejam lícitas e aceites, o certo é que as recentes tendências culturais da tradutologia praticam um discurso crítico face à domesticação e um discurso laudativo face à estrangeirização, que é associada ao acolhimento do Outro na CC e à hospitalidade da LC perante o modo de expressão do Outro (*cf.* Ortega y Gasset, 2004 [1937]; Ricoeur, 2005 [2004]), tal como Berman explicitamente defende: “Ora, a tradução, com seu objetivo de fidelidade, pertence originariamente à dimensão ética. Ela é, na sua essência, animada pelo desejo de se abrir o Estrangeiro, enquanto Estrangeiro, ao seu próprio espaço de língua” (Berman, 2007 [1995]: 69). Aliás, a metáfora — a hospitalidade da língua — cunhada por Paul Ricoeur (2005 [2004]) remete justamente para o gesto de acolher na LC modos de expressão da LP. Visto por este prisma, as ocorrências intertextuais apuradas no nosso estudo são traduções oblíquas, ditas infiéis ao TP, e configuram características da estratégia de tradução da domesticação ou anexação, que traduz a diferença pela igualdade, fazendo crer ao leitor português que o polaco tem modos de expressão iguais ou parecidos aos do português.

Conclusões

Quanto a conclusões a tirar do fenómeno da intertextualidade tradutória à luz das teorias tradutológicas disponíveis, afigura-se pertinente consciencializar os tradutores de que o recurso a esta técnica de tradução, bem como a referência a características da LC de modo a obter um texto em conformidade com os modelos de escrita da CC, é uma estratégia domesticadora. No entanto, como técnica que reflete memórias de leitura e se concretiza como literacia tradutória, pode ser entendida como marca *tradautoral* — uma marca com origem em algo remanescente que permaneceu, uma representação mental de uma leitura que teve lugar no passado e é atualizada no presente. Neste sentido, as marcas *tradauterais* dão visibilidade ao tradutor.

Toury (2012 [1995]: 91) utiliza o termo *idiosincrasia* para designar particularidades dos tradutores que se situam numa linha contínua, composta por regras (objetivas), normas (intersubjetivas) e idiosincrasias (subjetivas). Em tradução, há que indagar se as idiosincrasias se impõem como desvio intencional às normas ou, antes, como afirmação subjetiva individual. Toury inclina-se para a segunda alternativa e os casos por nós estudados parecem confirmá-lo:

[I]diosyncrasies (which, in their extreme, are shared by a group-of-one) often manifest themselves as personal ways of realizing (more) general attitudes rather than deviations in a completely unexpected direction. (Toury, 2012 [1995]: 91)

Tudo indica que os tradutores aqui estudados executaram as traduções implementando uma conceção própria de tradução que, mais ou menos consciente e/ou intuitivamente, envolveu a escolha de uma norma inicial que, porém, não erradicou características comportamentais singulares. Por conseguinte, as idiosincrasias — as marcas *tradauterais* — dos tradutores aqui abordados não parecem surgir como desvios conscientes contra normas, mas, sim, como hábitos de fala e de escrita, impulsos criativos, que vêm à tona no ato tradutório, e deixam um cunho pessoal no produto da tradução.

Na sequência destas reflexões, pode ainda formular-se a hipótese, a explorar num estudo posterior, se haverá mais reminiscências, ecos intertextuais do repertório de textos escritos na CC nas traduções efetuadas por tradutores nativos (portugueses) do que por tradutores para quem o português é língua não materna.

Obras Citadas

BARRENTO, João (2002). *O poço de Babel*. Relógio D'Água.

BENAVENTE, Ana *et al.* (1995). “Literacia e cidadania.” *Literacia e aprendizagem da leitura e da escrita*, edição de Lucília Salgado. Ministério da Educação, pp. 21–23.

BENJAMIM, Walter (2004 [1923]). “The Task of the Translator.” *The Translation Studies Reader*, edição de Lawrence Venuti, tradução de Harry Zohn. Routledge, pp. 15–25.

- BERMAN, Antoine (2007 [1995]). *A tradução e a letra, ou O albergue do longínquo*. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Nuaplitt/7Letras.
- CÂNDIDO, Hanna Marta Pięta (2013). *Entre periferias — Contributo para a história da tradução externa da literatura polaca em Portugal (1855–2010)*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Repositório da Universidade de Lisboa, <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/9763>.
- COMPAGNON, Antoine (1996 [1979]). *O trabalho da citação*. Tradução de Cleonice P.B. Mourão. Ed. UFMG.
- COSERIU, Eugen (1977). *Principios de Semántica Estructural*. Gredos.
- KRISTEVA, Julia (1974). *História da linguagem*. Tradução de Maria Margarida Barahona. Edições 70.
- LOPES, Alexandra (2010). *Poéticas da imperfeição. Autores e tradutores na primeira metade de Oitocentos: Walter Scott e A.J. Ramalho e Sousa*. Tese de Doutoramento. Universidade Católica Portuguesa. Veritati — Repositório Institucional da Universidade Católica Portuguesa, <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/4403>.
- MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* (2003 [1983]). *Gramática da língua portuguesa* (5.^a edição, revista e aumentada). Editorial Caminho.
- NEWMARK, Peter (1988). *A Textbook of Translation*. Prentice Hall.
- NIDA, Eugene (2004 [1964]). “Principles of Correspondence”. *The Translation Studies Reader*, edição de Lawrence Venuti. Routledge, pp. 126–140.
- NORD, Christiane (1991). *Text Analysis in Translation. Theory, Method, and Didactic Application of a Model for Translation-Oriented Text Analysis*. Rodopi.
- ORTEGA Y GASSET, José (2004 [1937]). “The Misery and the Splendor of Translation.” *The Translation Studies Reader*, edição de Lawrence Venuti, tradução de Elizabeth Gamble Miller. Routledge, pp. 49–63.
- PRADA, Edite (2010). “Sobre estruturação textual.” *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa* (ISCTE–IUL.pt), <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/sobre-estruturacao-textual/28170> (acedido a 24/06/2023).
- RICOEUR, Paul (2005 [2004]). *Sobre tradução*. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Cotovia.
- ROCHA, Carlos (2014). “O uso de «haver de ser» e será.” *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa* (ISCTE–IUL.pt), <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/o-uso-de-haver-de-ser-e-sera/32809> (acedido a 24/06/2023).
- SCHLEIERMACHER, Friedrich (2003 [1838]). *Sobre os diferentes métodos de traduzir*. Apresentação, tradução, notas e prefácio de José Miranda Justo. Elementos Sudoeste.
- TOURY, Gideon (2012 [1995]). *Descriptive Translation Studies and Beyond. Revised Edition*. John Benjamins Publishing Company.
- VENUTI, Lawrence (1995). *The Translator’s Invisibility*. Routledge.
- VENUTI, Lawrence (1998). *The Scandals of Translation. Towards an Ethics of Difference*. Routledge.

VENUTI, Lawrence (2004 [2000]). “Translation, Community, Utopia.” *The Translation Studies Reader*, edição de Lawrence Venuti. Routledge, pp. 468–488.

VERMEER, Hans J. (2004 [1989]). “Skopos and Commission in Translation Action.” *The Translation Studies Reader*, edição de Lawrence Venuti, tradução de Andrew Chesterman. Routledge, pp. 221–232.

VINAY, Jean-Paul, e Jean DARBELNET (2004 [1958]). “A Methodology for Translation.” *The Translation Studies Reader*, edição de Lawrence Venuti, tradução de Juan C. Sager e M.-J. Hamel. Routledge, pp. 84–93.

Teresa Fernandes Swiatkiewicz é doutorada em Estudos de Tradução, membro integrado da linha de investigação luso-eslava (Clepul–FLUL) e colaboradora da linha de investigação *Posthuman* (CEComp–FLUL). É professora de inglês e tradutora de literatura polaca. Faz investigação nas áreas da tradução literária, teoria da literatura e linguística cognitiva. É autora da biografia literária de Wisława Szymborska, *A vida não está à venda*. Em 2012, foi agraciada com a Cruz de Ouro de Mérito pelo Presidente da República da Polónia, Władysław Komorowski, por promover a cultura polaca, e, em 2020, com a menção honrosa da ATP/SPA pela tradução de *Viagens* de Olga Tokarczuk, e, em 2022, com o Grande Prémio de Tradução Literária APT/SPA pela tradução de *Casa de dia, casa de noite* de Olga Tokarczuk.

© 2023 Teresa Fernandes Swiatkiewicz

Licensed under the [Creative Commons Attribution 4.0 International \(CC BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).